NOTAS DE UMA VIAGEM:

ILHA DE PASCOA

Maria Cristina Bueno Coelho
Mauro Luiz Erpen
Marilene Bueno Coelho
Flávio Maciel Coelho

Atena Editora
Ano 2023

NOTAS DE UMA VIAGEM:

ILHA DE PASCOA

Maria Cristina Bueno Coelho
Mauro Luiz Erpen
Marilene Bueno Coelho
Flávio Maciel Coelho

Atena Editora
Ano 2023

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Thamires Camili Gayde
Imagens da capa
Acervo dos auores
Edição de arte
Luiza Alves Batista

2023 *by Atena Editora*
Copyright © Atena Editora
Copyright do texto © 2023 Os autores
Copyright da edição © 2023 Atena Editora
Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.
Open access publication by Atena Editora

Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Notas de uma viagem: Ilha de Pascoa

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Maria Cristina Bueno Coelho
Mauro Luiz Erpen
Marilene Bueno Coelho
Flávio Maciel Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N899 Notas de uma viagem: Ilha de Pascoa / Maria Cristina Bueno Coelho, Mauro Luiz Erpen, Marilene Bueno Coelho, et al. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Outro autor
Flávio Maciel Coelho

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2008-8
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.088230412

1. Ilha da Páscoa - Viagens. I. Coelho, Maria Cristina Bueno. II. Erpen, Mauro Luiz. III. Coelho, Marilene Bueno. IV. Título.

CDD 919

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Esse livro relata a viagem realizada à ILHA DA PASCOA, também conhecida como UMBIGO DO MUNDO.(TE PITO KURA), que foi a concretização de um sonho que teve início em 1948.Tudo começou quando minha mãe e eu nos mudamos para Santa Maria e nos hospedamos como residentes no hotel Duque de Caxias sito à rua Venâncio Aires, onde hoje está o prédio dos Correios e Telégrafos.

Ao lado do mesmo existia a sede local da antiga CRT (Companhia Rio Grandense de Telecomunicações). Nessa empresa trabalhava como estafeta um jovem chamado Júlio Goulat, que mais tarde passou a telegrafista. Júlio gostava muito de ler e seguidamente encomendava livros pelos Correio. Em uma dessas compras recebeu de brinde um livro com o título desta introdução.

A partir dessa leitura teve início, meu SONHO. O livro, escrito pelo navegador Thol Heyrdahl (Aku - Aku - o Segredo da Ilha da Páscoa, 1989), narra a sua aventura solitária na balsa Kontiki. Cruzando o Pacífico Sul desde o Perú até a misteriosa Ilha da Pascoa. Praticamente devorei o livro, li e reli varias vezes até me perder do mesmo, possivelmente por empréstimo. O sonho de pisar um dia na Ilha da Pascoa continuou.

Anos mais tarde fizemos amizade com Professor Chileno, Ruben Uribe, por ocasião da Movimento de Cristãos Educadores, no Brasil. Nessa oportunidade conversamos. Narrei o meu sonho de juventude. Um tempo depois Ruben presenteou-me com um lindo livro contendo belíssimas gravuras da Ilha.

O sonho não morreu, seguiu latente até que 74 anos mais tarde foi concretizado, graças a generosidade da nossa filha MARIA CRISTINA E SEU ESPOSO MAURO, que planejaram detalhadamente a viagem e todos os passeios, com o Sr Jorge agente de Turismo na Ilha e sua guia Valeria aos quais muito agradecemos a acolhida carinhosa. Da mesma forma agradecemos a dedicação e carinho da comissária de bordo Fernanda que nos acompanhou no voo da LATAM NUMERO 753 de Guarulhos São Paulo a Santiago do Chile. Durante todo o trajeto dedicou-nos uma carinhosa atenção.

Flávio Maciel Coelho

O livro é um projeto comum acalentado há alguns anos. Em 1948, quando Flávio Maciel Coelho, tinha 14 anos, na sua adolescência, recebeu de presente, à época, o livro AKU-AKU:o segredo da Ilha de Páscoa, que mais tarde provocou sua vontade de conhecer a" Isla Rapa Nui", Ilha de Páscoa.

Contudo, setenta e quatro anos depois, os autores aventuraram-se a "caminho de um sonho". Na presente publicação, expressão de um trabalho conjunto dos autores, organizada pela professora e pesquisadora Maria Cristina Bueno Coelho encontramos narrativas de algumas vivências com riqueza e abrangência extraordinárias da evolução dos povos nativos Rapa Nui, seus costumes, suas crenças e preservação do patrimônio cultural, dentre outros. Cabe lembrar que esta não é a primeira experiência de viagens dos autores. Desse modo, o resultado está aí, como uma oportunidade ímpar para todos que desejam ampliar horizontes e realizar um sonho. Se aprochegue para uma boa leitura!

Idenéia Silveira dos Santos
Professora, Mestre em Administração de Sistema Educacionais e Gerontologia Social

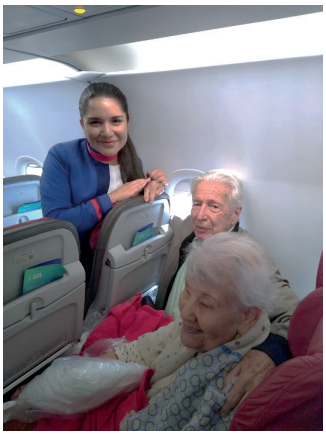
SUMÁRIO

INÍCIO DA VIAGEM 1
OS RAPA NUI 8
O UMBIGO DO MUNDO AHU TE PITO KURA 10
VISITA A FABRICA DE MOAIS 11
PRAIA DE ANAKENA 17
PUNA A PAU 18
A ALDEIA DE ORONGO 21
O RITUAL DO HOMEM PASSÁRO 23
O RITUAL DO HOMEM PASSÁRO 24
A ÁGUA NA ILHA DE PÁSCOA VULCÃO RANU KAU 25
ÚNICO MOAI COM OLHOS: AHU KO TE RIKU 27
AHU AKIVI E OS 7 MOAIS 28
CRONOLOGIA DA ILHA 29
RETORNO AO CONTINENTE 32
VINÍCOLA CONCHA Y TORO 33
EPÍLOGO 35
EPÍLOGO 36
SOBRE OS AUTORES 37

INÍCIO DA VIAGEM

Madrugamos as 5hs da manhã do dia 6 de Janeiro para finalizar a arrumação da bagagem. Embarcamos para Porto Alegre no ônibus da empresa Planalto 7hs com previsão de chegada as 11hs no Aeroporto Salgado Filho as 12hs.Uma senhora jovem e solidaria, e, de Santa Maria, prontamente nos encaminhou e ajudou no checkin, em nosso voo pela Latan, com destino a São Paulo. Nossa gratidão a esse anjo que Deus mandou.

A empresa colocou cadeiras de roda para nos conduzir ate o embarque. Foi muito atencioso o atendimento dos que nos conduziram. A partir dai ficamos aos cuidados da equipe de bordo até Guarulhos. A partir do nosso transbordo com destino a Santiago do Chile, recebemos especial atenção da equipe de bordo em especial da comissária de bordo, chamada Fernanda até a chegada em Santiago fomos atendidos de modo particular. Nossa gratidão à comissária Fernanda.



Maria Cristina e Mauro estavam a nossa espera no Aeroporto de Santiago do Chile. Foi um momento de grande emoção e alegria, pois não nos encontrávamos a tempos devido a pandemia. Nossa gratidão a ambos por nos proporcionar essa grande aventura, que era sonhada a 74 anos.

Ficamos num apartamento no MR HOTEL Providência na Av. Pedro De Valdivia 164, Providencia, Santiago, Região Metropolitana localizado no centro da cidade.

No dia seguinte, 7 de Janeiro após as 14hs horas iniciamos a visitação na vinícola Cousino-Macul que estendeu-se ao final da tarde. Fundada em 1856, ela é a única vinícola entre as do século XIX que continua nas mãos da família fundadora e está na sexta geração.

Situa-se numa propriedade de 10 ha plantada com videiras de cepas Francesas e suas variedades. Entre os trabalhadores há 600 mulheres dedicadas especialmente na seleção das uvas , pela cor da fruta. A Cousiño Macul, no Valle de Maipo, é bem pertinho de Santiago e de muito fácil acesso. Boa opção para quem está sem tempo, mas não quer ir embora sem conhecer o processo de produção dos vinhos chilenos. E o tour pela vinícola mostra muito isso: Tradição. Do início ao fim é possível ver uma história única, que em poucas vinícolas você verá. Um passeio que vai além do vinho.

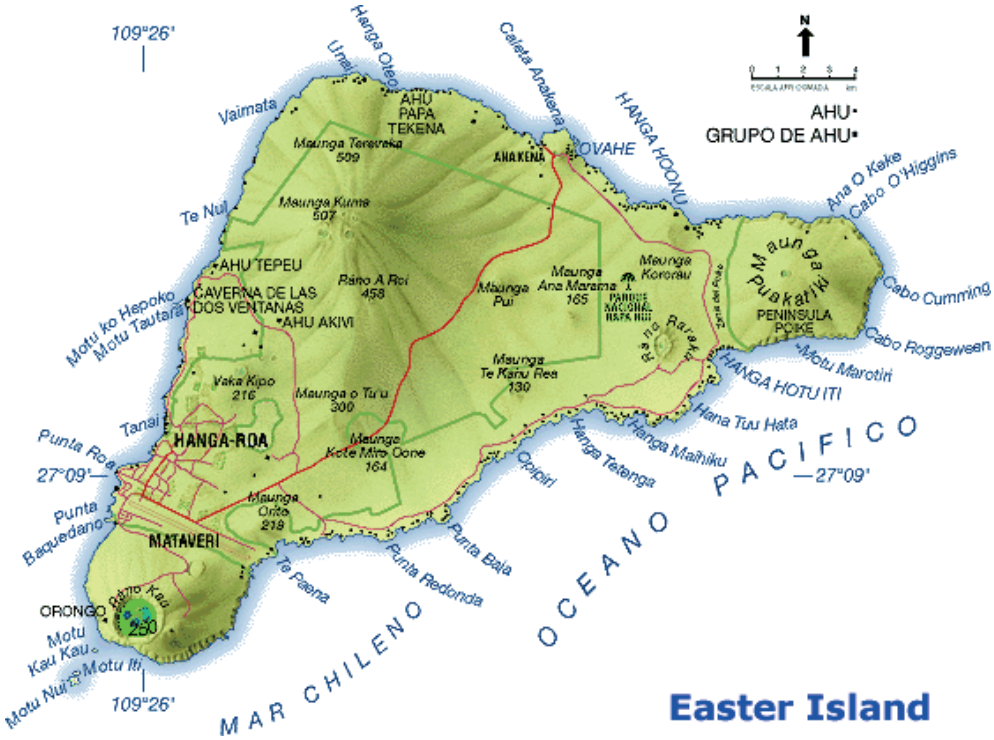
Regressamos ao Hotel e saboreamos uma deliciosa janta comprada no Supermercado do Jumbo.

Saímos do Hotel as 6hs para o aeroporto Comodoro Arturo Merino Benítez distante meia hora de carro situado no bairro Puduhuel. Iniciamos o chek in em torno das 9 horas. O voo saiu as 10hs.

São 5 horas de voo pela LATAN (única empresa aérea que faz este vôo no mundo). Para nossa agradável surpresa (providenciada pelo Mauro), fomos instalados na primeira classe, com todas as mordomias: café da manhã a escolha do cliente: comida quente ou um mix de frutas da estação, tudo da melhor qualidade.

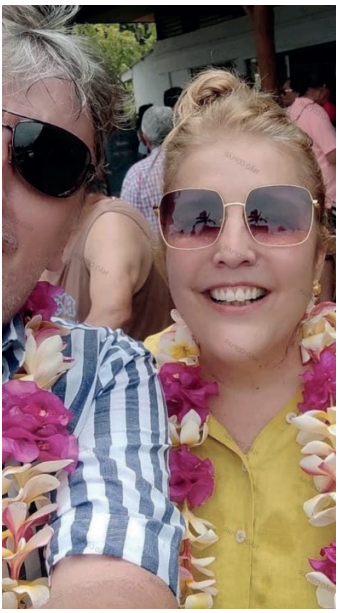
Pessoal de bordo super atencioso, para não dizer carinhoso. Voo tranquilo sem turbulência. Chegamos à conclusão de que essa mordomia toda foi uma cortesia da empresa, visto que todo o pacote de viagem estava paga a 3 anos, com sucessivos adiamentos, devido ao fechamento da ilha causado pela pandemia.

A Ilha de Páscoa é um dos pontos mais isolados do planeta terra e também um dos lugares mais misteriosos. Conhecida no mundo todo por suas enormes estátuas de pedra, chamados moais que chegam a pesar 50 toneladas e a 7 metros de altura, a Ilha de Páscoa já abrigou uma civilização muito próspera, mas que, porém, sucumbiu ao isolamento e desgaste do solo. Localizada no Oceano Pacífico a 3.600 km de distância da América do Sul, o continente mais próximo, a Ilha de Páscoa.



Créditos: https://www-geografia.blogspot.com/2015/03/mapas-do-chile.html

O aeroporto da Ilha construído com madeira e teto de palha, conforme as construções Rapa Nui. Possui pista única pois tem um único voo diário de ida e volta ao continente. Chega e partem com 300 passageiros, sendo 30 na primeira classe e 270 na classe turística. Aeroporto pequeno para o volume de movimento, com dificuldade de locomoção. Grande número de recepcionistas com colares de flores perfumadas, destacando-se a gardênia com seu doce perfume.



Devido ao grande movimento do horário, Mauro demorou a localizar o agente local de nosso roteiro turístico. Finalmente conhecemos Jorge Paskomio, um Rapa Nui, representante local da agencia de viagem. Fomos colocados em cadeira de roda especial para descer a escada alta e comprida. Logo deparamos com a saudação IORANA em Rapa Nui quer dizer BEM VINDOS.

Finalmente as 15hs, chegamos ao alojamento, no conjunto Cabanas Tautira, pertencente a Jorge Pacomio. O alojamento compunha-se de 2 quartos, banheiro e uma copa cozinha. Ao fundo uma acolhedora varanda cercada de coloridos hibiscos gigantescos. Ficamos assim comodamente localizados no centro da cidade. Para autonomia de locomoção, Mauro alugou um carro do Sr Jorge. Preparamos uma gostosa janta com os

ingredientes comprados no Jumbo Supermercado de Santiago do Chile. Mauro comunicou-se com Valeria, uma simpática e carinhosa Rapa Nui.

Convém esclarecer que os nativos da Ilha, tem um forte sentimento de independência em relação ao Continente. Atualmente há uma grande parte da população originária do Continente, que buscam qualidade de vida tranquilidade e segurança. Fomos informados de que não há tráfico de drogas, sem do a criminalidade nula. Também não vimos policiais nas ruas, durante a semana que passamos lá.

Segunda Feira dia 8 de Janeiro de 2023, iniciamos os passeios com a Guia Valeria:
UM POUCO DA HISTÓRIA DA ILHA

A lenda diz que o rei Hotu Matu'a sonhou com uma ilha (que seria a Ilha de Pascoa) e acreditou que aquele seria o local que deveria morar, assim, enviou guerreiros em busca da ilha. Depois de seguirem uma tartaruga no meio do caminho, os guerreiros chegaram na Ilha de Pascoa e depois voltaram para buscar o Rei e sua comunidade.

O nome original da ilha é Te Puto o Te Henua, que significa umbigo do mundo. Hotu Matu'a foi o primeiro rei da ilha e dividiu o território em 6, um para cada Mata (tribo).

As tribos eram dividas em Ure (clãs) e o líder seria o nativo mais velho que tivesse descendência direta com o rei. A data da ocupação da ilha é incerta, assim como a data da colonização, possivelmente entre 300-400 d.C. Acredita-se que os Moais tenham sido feitos entre 1250 e 1500. No entanto, foi em 1722, em um domingo de Páscoa, que um explorador holandês, Jacob Roggeveen, chegou a ilha em um domingo de Páscoa, motivo pelo qual a ilha recebeu o nome de Ilha de Pascoa. A ilha foi incorporada ao chile em 1870.

Sobre a chegada de Roggeveen, conta o livro Grandes Enigmas da Humanidade, de Luís Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade:

No ano de 1722, domingo de páscoa, às 18 horas. A bordo do navio de Afrikaanske Galei, os marinheiros trabalham normalmente. Há quatro meses e meio tinham levado ferros da Holanda em viagem de exploração e comércio e afora o rápido combate com um grande galeão espanhol, que tinha deixado para trás graças a sua superior velocidade, tudo havia corrido ao gosto do comandante Comodoro Jacob Roggeveen.

Súbito, o vigia anuncia "terra à vista". Aproximam-se de uma ilha não assinalada no mapa. Com a pouca luz do entardecer chegam em tempo de avistar no litoral, sobre longas muralhas de pedra, enormes gigantes que parecem dispostos a evitar desembarque. Roggeveen manda ancorar longe da costa e decide esperar pelo amanhecer para tomar uma decisão. Quando o dia clareia os europeus têm sua segunda surpresa. Os gigantes permaneciam parados e com óculos de alcance foi possível avistar gente de tamanho normal que se movia entre eles. Tinha-se assustado com estátuas. Resolvem então desembarcar, após batizar a ilha em honra a data de sua descoberta (https://efemeridesdoefemello.com/2017/04/05/holandes-jacob-roggeveen-descobre-a-ilha-de-pascoa/)

OS RAPA NUI

(Créditos https://www.historiado mundo.com.br/rapa-nui)

Os Rapa Nui era uma população indígena de origem polinésia que habitava a Ilha de Páscoa, um dos locais mais isolados do mundo. A Ilha de Páscoa é parte do continente Oceania, estando no sudeste do Oceano Pacífico. O local mais próximo dessa ilha é a Ilha de Pitcairn, que fica a cerca 2000 quilômetros de distância.

Os Rapa Nui ficaram conhecidos por serem os construtores dos moais, grandes construções monolíticas que foram espalhadas por diferentes partes da Ilha de Páscoa. Esses monólitos foram construídos com formas humanoides, tornando-se o grande símbolo desse povo. A forma como esses moais foram transportados por vários quilômetros no interior da ilha é algo que intriga os pesquisadores até hoje.

Os Rapa Nui tiveram contato com os europeus pela primeira vez no século XVIII e, nessa ocasião, estavam em avançado estado de decadência. Atualmente, a Ilha de Páscoa pertence ao Chile.

O povoamento da Ilha de Páscoa é um assunto que divide os historiadores, embora exista uma certa concordância graças aos estudos das últimas décadas.

Pesquisas mais antigas acreditavam que a chegada de seres humanos na ilha teria acontecido entre os anos de 300 e 400; outros cientistas, por sua vez, afirmavam que a ilha começou a ser habitada entre 700 e 800 e que foi progredindo até tornar-se uma civilização bem desenvolvida a partir de 1200.

Recentemente, novas pesquisas apontaram que a presença humana na Ilha de Páscoa remonta aproximadamente ao ano de 1200, não havendo evidências de presença humana na ilha antes disso. Independentemente da data da chegada dos humanos à ilha, a tradição oral local aponta que os primeiros a chegarem eram liderados por um chefe chamado Hotu Matu'a. Na lenda ele teria sonhado com uma nova terra, dando início a uma viagem que o teria levado à Ilha de Páscoa.

O que os historiadores sabem é que, muito provavelmente, os primeiros habitantes da ilha teriam migrado das Ilhas Marquesas, uma vez que a língua e a cultura dos Rapa Nui possuem forte semelhança com a das Ilhas Marquesas (distante cerca de 3700 quilômetros da Ilha de Páscoa).

Estudos sugerem que essa migração de povos polinésios até a Ilha de Páscoa teria sido motivada por uma intoxicação nos alimentos (pescados) das Ilhas Marquesas. Essas populações polinésias que teriam se estabelecido na Ilha de Páscoa nomearam a ilha de *Te Pito o te Henua* (traduzido como "umbigo do mundo").

Como vivia a civilização Rapa Nui?

O estabelecimento humano na Ilha de Páscoa fez com que as populações locais rapidamente se desenvolvessem e a população crescesse. A sobrevivência dos Rapa Nui se baseou consideravelmente na exploração dos recursos da pequena ilha e do cultivo de alimentos por meio da agricultura. Apesar disso, muitos historiadores consideram que a agricultura era um trabalho complexo de se desenvolver na ilha.

Isso se explica pela força dos ventos, que dificultava o crescimento das plantas, além de chuvas reduzidas. De toda forma, existem relatos que os Rapa Nui conseguiam produzir itens como banana, batata-doce, entre outros. Muitos historiadores acreditam que o desmatamento das árvores da ilha contribuiu para agravar a condição da agricultura local.

Em razão do desenvolvimento dos Rapa Nui e do crescimento populacional, a população local chegou a ser de cerca de 9000 habitantes, embora alguns historiadores não descartem a possibilidade de que tenha sido superior a 15000 habitantes, um número que parece pouco, mas que, pelo isolamento da ilha, pouca disponibilidade de recursos e espaço limitado, era, na verdade, expressivo.

O UMBIGO DO MUNDO AHU TE PITO KURA

É na costa norte da Ilha de Páscoa que está o Ahu Te Pito Kura, um dos principais sítios arqueológicos de Rapa Nui e um dos locais mais enigmáticos de toda ilha. Esta é uma das lendas mais tradicionais de Rapa Nui e está diretamente relacionada a origem do povo Rapa Nui na ilha.

Segundo esta lenda, *Ariki Hotu Matua*, o primeiro rei da ilha, chegou na ilha transportando esta enorme pedra, que possuía poderes espirituais concedidos pelos deuses. Se a lenda é verdadeira ou não, eu não sei mas dizem que a pedra renova a energia das pessoas que a tocam e de fato você sente uma coisa meio estranha!! A Ilha de Páscoa é também conhecida como o umbigo do mundo.

Distante 3.400km da costa chilena e 1.900km da ilha mais próxima, é o lugar habitado mais isolado da face da terra. Seus habitantes originais (o povo Rapa Nui), tinham toda a razão de imaginar que lá era o próprio centro do universo. Diz-se que a pedra maior, localizada no centro, possui magnetismo e que é possível sentir sua energia ao tocá-la. Para conferir como funciona a pedra sagrada, basta sentar-se nas pedras menores e apoiar as mãos sobre a pedra grande.

VISITA A FABRICA DE MOAIS

Sendo nosso destino inicial o vulcão onde eram esculpidos os Moais, a população chama o local de fábrica de Moais, estatuas gigantes esculpidas na rocha vulcânica.

A guia nos mostrou a modalidade de esculpir na rocha viva, vão aumentando a caverna a medida que a estatua vai sendo esculpida. Esse trabalho é todo feito com instrumentos rudimentares feitos de sílex, mineral mais duro do que arrocha vulcânica. Após a conclusão da estátua a remoção é feita destruindo paulatinamente a base que a sustentava, utilizando troncos de palmeira para posterior remoção da caverna. De acordo com informações dadas pela Guia, eram amarradas fortes cordas utilizando os troncos para rolar até o lugar definitivo. A finalidade das estatuas é homenagear uma liderança que se destacou na comunidade, era, portanto, um monumento de homenagem póstuma.

Era fabricado em vida tendo todas as características do homenageado, todas as cabeças tinham um adorno de pedra vermelha, aparentemente em forma de um chapéu. Valeria nos explicou que esse ornamento era na verdade, uma cabeleira vermelha em forma de coque. As estatuas eram levadas da fábrica até o lugar definitivo uma distância que chegava até 12km.

Ficaram no local de construção 6 estatua inacabadas, devido as guerras tribais provocadas por crises de alimentos e por falta de troncos de palmeiras para movimenta-las, de modo geral eram tribos muitos primitivas que praticavam uma agricultura rudimentar de sobrevivência. Devido ao clima tropical úmido, andavam praticamente nus.

De acordo com as informações da guia Valéria, todas as atividades motivadoras das tribos eram ditadas pela sobrevivência. Crises hídricas, escassez de alimentos e rivalidades entre as lideranças tribais, determinaram a divisão da população que migraram para os quatros cantos da Ilha ao mesmo tempo.

Novos grupos populacionais foram se especializando em atividade de pesca, agricultura, artesanato e construtores de moaes, de acordo com a característica dos locais onde se estabeleceram. Posteriormente devido as alterações climáticas e uma crise hídrica atípica, houve um grande prejuízo para agricultura ocasionando nova migração interna em busca de melhores condições de sobrevivência.

Tal fato ocasionou lutas internas, cruéis e fraticidas o que resultou na extinção total de algumas Aldeias e abandono de construções de novas estatuas. Acompanhados pela nossa guia iniciamos cedo as atividades de deslocamento até o local denominado fábrica de moais, o principal sítio arqueológico de Rapa Nui, ou Ilha de Páscoa. Ali estão guardadas os moais que não foram concluídos ou que ainda não haviam sido levados para seus respectivos Ahus –sempre localizados à beira mar e de costas para o oceano – os moais passavam a integrar uma espécie de centro cerimonial da respectiva tribo e sua instalação era acompanhada de rituais. Mas, até isso acontecer, os ilhéus trabalhavam duro na produção e no transporte dessas estátuas gigantes que chegavam a pesar dezenas de toneladas – quando a atividade da 'fábrica' foi encerrada repentinamente, por razões até hoje desconhecidas.

Fica num local muito estranho, na encosta da montanha, na verdade um vulcão extinto (Ranu Raraku). O processo consistia em abrirem cavernas passo a passo, e a medida que entravam iam esculpindo as estatuas com instrumentos rudimentares feitas com pedaços de sílex afiados, com os quais desbastavam a rocha mais macia das cavernas, as estatuas eram esculpidas deitadas à medida que iam entrando nas cavernas. Ficava uma pequena base na parte superior que posteriormente era destruída e substituída por tronco de palmeira. Após isso utilizando corda, eram levadas até o local de destino onde eram colocadas em pé. Tratava-se de monumentos funerários pois na base das mesmas, foram encontrados restos mortais do líder tribal ali sepultado.

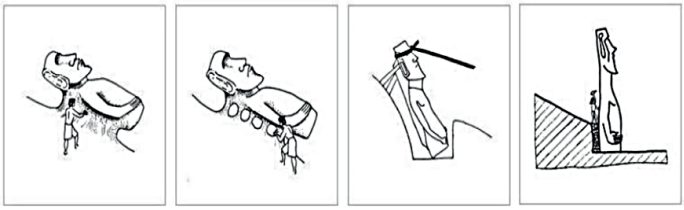


Figura: Transporte do Moais (Créditos https://vamospraonde.com/rapa-nui/20203)

A Fábrica de Moais é o local mais protegido pelos nativos da ilha. O passaporte que compramos ao desembarcar, e que nos dá passe livre e ilimitado à maioria dos pontos de visitação, restringe seu acesso a apenas uma visita. Não é pra menos: além dos motivos culturais já citados, existem também razões históricas e arqueológicas, já que nesse canteiro se encontra a maior variedade das estátuas gigantes, seja do ponto de vista da forma, ou do estágio de fabricação.

Há moais grandes, como o El Gigante, projetado para ter 21 metros de altura, e outros pequenos, com menos de dois metros. Há moais prontos, parcialmente esculpidos, ou recém iniciados. Alguns estão tombados sobre a grama, como se tivessem sido largados ao relento. Isso certamente aconteceu com os que tiveram alguma parte quebrada porque, para os ilhéus, qualquer pequeno dano feito a um Moai era capaz de provocar a perda do seu 'mana' – ou energia espiritual. Um dos Moais mais visitados nesse ateliê a céu aberto está parcialmente talhado em posição horizontal e deixa transparecer claramente o processo usado pelos nativos para esculpir na pedra. Em vez de cortá-la em blocos, para serem lapidados até ganharem a aparência final, os rapa nuis esculpiam diretamente na montanha, da qual os Moais se desprendiam paulatinamente na medida em que iam tomando forma e deixavam na montanha a marca de sua extração.

Quem caminha até o fim da trilha rodeada de estátuas vai encontrar o *Tukuturi* – o único Moai de toda a ilha esculpido de corpo inteiro, sentado sobre as próprias pernas. Uma das características do Tukuturi – palavra que significa 'moai agachado' [1]– é sua aparência humanizada, com formas arredondadas, o que o torna diferente da maioria dos moais que possuem formas angulosas. Anos depois de sua descoberta, foi encontrado um outro moai com essa mesma característica, mas em tamanho bem menor e sem pernas.

Como se não bastasse a visão dos 397 Moais espalhados ao longo do vulcão, desse ponto é possível avistar o Ahu Tongariki, um dos mais famosos da ilha, tanto por seu tamanho como por sua importância histórica. Trata-se do maior de todos os Ahus, com 15 moais. Além disso, o local onde está instalado foi o centro principal da Confederação

Oriental dos Rapa Nui, conhecida entre eles como Hotu Iti.

Esse Ahu teve seus Moais derrubados durante guerras civis entre os nativos e, em 1960, um tsunami arrastou os moais tombados para o interior da Ilha. A restauração ocorreu na década de 1990, por meio de uma parceria do governo chileno com uma japonesa empresa de guindastes.

Compramos algumas lembranças em uma tenda de artesanato localizada nas proximidades. A proprietária foi muito gentil dando brindes para nós dois. Durante o deslocamento pelo interior da ilha, a guia Valéria nos informou que a NASA havia escolhido o mar próximo da ilha para um possível local alternativo de pouso e resgate da nave espacial Challenger, lançada em 1986. Para tato realizou diversas obras na ilha tais como, melhoria no aeroporto, incluindo a pista de pouso, e asfaltamento de diversas estradas na proximidade. Infelizmente o ônibus espacial lançado em 1986, no Cabo Canaveral (USA), poucos minutos após os lançamentos explodiu no ar.

O Ahu Tongariki, é um dos locais da ilha em que reuni uma sequência de 15 moais de costas para a praia Hotu'iti, considerado o maior monumento de todo o Pacífico Sul.

A grande questão que recai sobre esse mistério é que antigamente não existiam máquinas para transportar tais pedras e ainda, o local apresenta um terreno irregular e acidentado. Provavelmente, essas imensas pedras tenham sido transportadas em troncos.

Desde então, muitos estudiosos tentam compreender as façanhas dos povos que ali viviam, uma vez que os Moais estão espalhados pela ilha. Todavia, ainda não foi possível encontrar uma resposta para sua construção. Alguns habitantes creem que eles foram transportados por um poder sobrenatural. “Devido ao seu isolamento, a Ilha de Páscoa apresenta uma cultura bastante rica e única.

Dois idiomas são falados no território: o espanhol e o Rapa Nui (ou Vananga Rapanui), língua essa de origem polinésia e falada no cotidiano, especialmente entre familiares.

A principal religião é a religião nativa dos rapa nui, que tem como princípio o culto aos ancestrais e aos elementos da natureza, como as aves. A deidade máxima da crença rapa nui recebe o nome de Make-Make, associado à fertilidade.”

A noite fomos a uma apresentação cultural de danças típicas, num restaurante Haka-honu. Apresentação incluiu jantar seguido de uma sessão de dança com os bailarinos, após houve uma sessão de fotos. “Anualmente, no mês de fevereiro, é realizado o Tapati Rapa Nui (Semana Rapa Nui, no idioma local), o principal festival cultural da Ilha de Páscoa. Durante as festividades, são realizadas performances de danças típicas na forma de competição, nas quais os participantes utilizam roupas tradicionais em homenagem aos antepassados. Dentre essas roupas típicas está o hami (ou maro), confeccionado com capim seco. Chapéus de fibras vegetais, cocares e enfeites de penas são também muito utilizados. As tatuagens e pinturas corporais são importantes elementos da cultura rapa nui e de outras tradições da Polinésia. Elas apresentam relação tanto com as crenças religiosas e espirituais quanto com a vida em sociedade.”

Dia 11 pela parte da manhã foi livre, um pequeno giro pela ilha, fazendo compras pelo comércio. Na parte da tarde acompanhada pela guia, fizemos um roteiro pelo interior da ilha, visitamos locais variados, alguns semidesértico, outros com pequenas propriedades rurais, com criação de gado Vacum em mangueiras, e muitos cavalos soltos nas estradas. Notamos também a ausência de agricultura em grande escala. Percebemos a existência de pequenas áreas cultivadas com hortaliças, e pequenos cultivos de bananeiras. Existe a conservação de mata nativa em algumas regiões e em outras, o cultivo comercial de eucaliptos.

PRAIA DE ANAKENA

Esta é a principal e a mais bonita praia da Ilha de Páscoa, é a única apta para banhos e também a única a possuir quiosques que vendem comidas, bebidas e artesanatos, aliás é o único lugar fora de Hanga Roa – o centro urbano de Rapa Nui – que possui estes serviços.

Ela é localizada à 18 km de Hanga Roa, sentido noroeste, a Praia de Anakena possui fundo de areia clara e fina (coisa rara em Rapa Nui) e água calma de cor azul turquesa. Anakena é cheia de coqueiros, que foram trazidos do Taiti na década de 60.

É um verdadeiro cenário de uma tradicional praia paradisíaca, porém, com um atrativo que nenhuma outra praia do mundo possui: os imponentes moais. Almoçamos num pequeno restaurante no interior. Devido ao fato de ser local pequeno, todas as mesas estavam ocupadas. Em uma delas, com 6 cadeiras, uma senhora e sua filha nos convidaram para sentar na mesma mesa que tinha espaço sobrando.

PUNA A PAU

Puna Pau foi um vulcão cujas rochas avermelhadas eram utilizadas para a confecção dos *pukaos*, os “cabelos” dos moai.

Por ter uma coloração diferente das demais pedras da ilha, esse local era como uma fábrica de *pukaos*.

É provável que os *pukaos* existentes nesse sítio fossem utilizados junto aos grandes moai de Rano Raraku, que não chegaram a ser terminados. Apesar de não ser um local tão impressionante quanto uma plaforma de moai, chama a atenção pelo peso das pedras, que chegam a ter 12 toneladas. Ao conhecer o sítio arqueológico, dê preferência à trilha do lado direito, onde, além de se ver de perto os *pukaos*, é possível subir e apreciar a vista de Hanga Roa.

Pela tarde visitamos alguns locais com alguns petroglifos, parecendo um pouco abandonado (PapaVaka). Pode-se admirar imagens feitas pelos rapa nui. Os desenhos mostram objetos e imagens presentes no dia a dia dessa civilização e são bem interessantes, se você conseguir identificá-los.

Observamos a existência de cabanas típicas Rapa Nui, construída com troncos de arvores e folha de coqueiros. As casas originalmente têm o teto em forma de canoa ao contrário, por isso o nome casa bote. Estas casas são de forma elíptica.

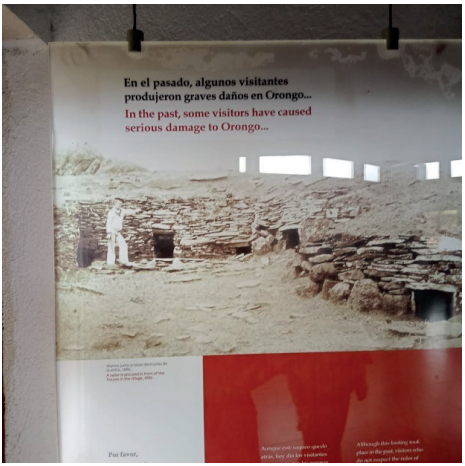
A noite assistimos um show cultural no local Kari-Kari, de aproximadamente hora e meia de espetáculo. Nessa apresentação, apreciamos danças tribais bastante diferentes do show anterior. O Balé Cultural Kari-Kari foi fundado no ano de 1996, pelo artista Lynn Rapu Tuki, natural da Ilha de Páscoa. Porém, alguns anos depois, ele precisou se aposentar. E, o que parecia ser o começo do fim, transformou-se em uma trajetória brilhante, já que muitos dançarinos continuaram no grupo. Dessa forma, com o passar do tempo, várias gerações de artistas fizeram parte da equipe cultural, e, apresentaram o espetáculo Kari na Ilha de Páscoa. Portanto, os ensinamentos foram sendo passados, e, atualmente, o grupo possui grande relevância em todo o continente sul-americano.

Caracterizado por danças mais agressivas representando batalhas entre tribos rivais. Era formado por 20 pessoas interagindo com o público. Após a apresentação houve uma sessão de fotos com os artistas. Notamos que todos os integrantes do gripo, possui tatuagem tribais coloridas, por diversas partes do corpo.

A ALDEIA DE ORONGO

Antes da chegada dos europeus, o povo Rapa Nui, os habitantes originais da Ilha de Páscoa organizavam-se em sete clãs que nem sempre estiveram em paz. O Ritual do Homem-Pássaro foi adotado para pacificar esses grupos em conflito e escolher os governantes da ilha. Os ilhéus contam sobre um “tempo de guerras” que levou à derrubada dos *moai* (as grandes estátuas de pedra dedicadas aos ancestrais) e obrigou grandes grupos de pessoas a buscarem refúgio sob a terra, como no impressionante conjunto cavernas e túneis vulcânicos de Te Pahu.

O local onde era feito o cerimonial do homem pássaro. Lá existem várias casas (feitas de pedras encaixadas) onde as tribos se reuniam em determinada época do ano para o ritual. O lugar tem uma altitude de 1000m de altura e era palco de uma cerimônia que era feita para escolher uma tribo para comandar a ilha, ou seja o “ritual do homem pássaro” O nome se deve à perigosa competição, que consistia em cada tribo escolher um representante para descer o paredão de pedras de Orongo e ir nadando até as ilhas Mutu, que se localizam na frente da aldeia, voltando com um ovo de um pássaro intacto. A tribo do representante que voltasse primeiro das ilhas com o ovo era a campeã da competição e liderava as demais por um ano. Isto acontecia no mês de Setembro de cada ano.



Paisaje extremo y
clima extremo...
Extreme landscapes
and extreme weather...
Situada al borde de un acantilado y junto a un impresionante cráter volcánico, Orongo se ve expuesta a fuertes vientos, torrenciales lluvias y constante erosión marina, que provocan deterioros irrefrenables.
Debido a estos elementos naturales el frágil asentamiento de Orongo corre el constante riesgo de perderse para siempre.
Por ello se geestionan en la actualidad investigaciones y recursos que ayuden a la conservación de este monumento único.
Situated on the edge of a cliff and next to a volcanic crater, Orongo is exposed to strong winds, torrential rains and constant sea erosion, causing unpreventable damage.
Due to these natural elements, the fragile settlement of Orongo is at constant risk of being lost forever.
For this reason, research is currently being carried out and resources invested in order to help the conservation of this unique monument.

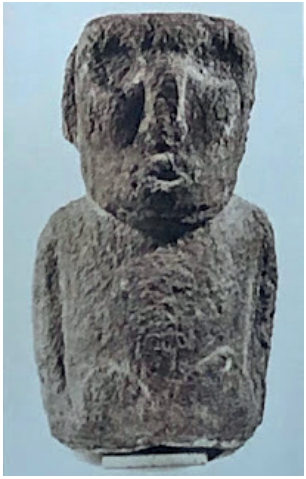
O RITUAL DO HOMEM PASSÁRO

(Créditos https://lugaresdememoria.com.br/orongo-a-aldeia-cerimonial-do-homem-passaro/)

Embora na era do Homem-pássaro não se produzisse mais Moais, havia uma dessas estátuas dentro de uma das casas de Orongo. Era uma escultura de 4 toneladas, com 2,4 metros de altura, e ficou conhecida como Hoa Hakananai'a.

O nome, que no idioma Rapa Nui significa "o amigo roubado", faz referência ao sumiço estátua e à destruição da casa onde ela se encontrava, denominada Taura Renga.

A estátua foi retirada da ilha por integrantes da expedição do navio inglês MNS Topaze, com ajuda de alguns nativos, para ser levado à Rainha Vitória. Hoje, o Moai roubado integra o acervo do Museu Britânico e está sendo reclamado pelos habitantes da ilha.



O lamento dos rapas nuis pela perda do Hoa Hakananai'a parece ir além do fato, por si só significativo, de um elemento de sua cultura ter sido levado por estrangeiros. Nesse caso, tratava-se de um Moai singular, em parte por ser um dos poucos talhados em basalto[4], mas, principalmente, pelo fato de conter petróglifos alusivos ao ritual do Homem-pássaro, e de fazer parte da própria cerimônia, representando o elo entre esses dois importantes períodos da história rapa nui.

A destruição da casa que abrigava o Moai, no momento de sua retirada pelos ingleses, também foi significativa para os habitantes da ilha, pois além de abrigar os participantes do ritual do Homem-pássaro, ali era realizada uma cerimônia de iniciação de jovens, denominada Poki-Manu.

Os ingleses também levaram o moai Tita'a Hanga o Te Henua, de 57 cm de altura, que foi encontrado na ilha de Moto Nui, e acredita-se que marcava a separação entre as duas grandes confederações de tribos que dominavam Rapa Nui na antiguidade. Hoje a estátua encontra-se no museu Pitt Rivers, em Oxford e sua devolução também está sendo cobrada pelos rapa nuis.

O RITUAL DO HOMEM PASSÁRO

(créditos https://www.fragatasurprise.com/2013/02/ilha-de-pascoa-homem-passaro.html)

Os guerreiros escolhidos para representar cada um dos sete clãs da Ilha de Páscoa, então chamada de Rapa Nui ("Ilha Grande"), precisavam descer os 300 metros da escarpa sobre a qual se assenta a vila de Orongo.

A trilha pelo paredão de pedra exigia muita perícia. Chegando ao final da trilha, os guerreiros tinham que enfrentar as ondas furiosas que se arremessam contra o paredão de pedra e até o *motu* (ilhota), nadando sobre um cilindro de totora trançada, que ajudava na flutuação — a totora é uma espécie de junco, a mesma usada para construir as ilhas flutuantes dos Uros, no Lago Titicaca, na província de Puno, Peru. Ao chegar ao Motu Nui, era preciso colher um ovo do manutara e fazer o mesmo caminho perigoso de volta.

Para que o ovo do pássaro sagrado chegasse intacto, no regresso a Orongo, os guerreiros Rapa Nui usavam na cabeça uma espécie de diadema de palha, onde havia uma "cestinha" para acondicionar a prenda.

O primeiro guerreiro a chegar a Orongo com o ovo do Manutara era o campeão, o Tangata Manu, e coberto de honras. O chefe de seu clã era sagrado comandante militar de todos os Rapa Nui com mandato de um ano, até a realização de novo Ritual do Homem-Pássaro.

Créditos: https://www.detalhesdeviagens.com/2017/12/16/conhecendo-os-vulcoes-da-ilha-de-pascoa/

A ÁGUA NA ILHA DE PÁSCOA VULCÃO RANU KAU

É um dos três vulcões que deram origem à ilha (junto com Poike e Terevaka) sendo o que possui a mais fantástica cratera, com cerca de 1 km de diâmetro, 200 metros de profundidade e é a principal fonte de água doce dos Rapa Nui. Rano Kau tem um lago de cratera, que é um dos três únicos corpos naturais de água doce da ilha. O lago está localizado aproximadamente 100 metros (330 pés) acima do nível do mar, mas é 200 metros (660 pés) abaixo da mais alta das cristas da cratera.

O cone vulcânico é amplamente cercado por água, e grande parte tem sido erodida de volta para formar falésias de alto mar que em um ponto (*te kari kari*) começaram a cortar a parede da cratera. As paredes internas da cratera são inclinadas em um ângulo de entre 65 ° (mais íngreme, perto da crista) e 45° (mais suave, à beira do lago). Das ruínas da vila cerimonial de Orongo a face do penhasco cai ao sudoeste em um ângulo de 50 ° à costa de mar alguns 300 metros (980 pés) abaixo. Por seu lado norte, o vulcão desce para o Aeroporto Internacional Mataveri.

Rano Kau é património mundial do Parque Nacional Rapa Nui e dá o seu nome a uma das sete seções do parque. O principal local arqueológico em Rano Kau é a aldeia cerimonial arruinada de Orongo, que está localizada no ponto em que o rochedo do mar e a parede interior da cratera convergem. Uma ahu com vários moai foi gravada nos penhascos em Rano Kau na década de 1880.

ÚNICO MOAI COM OLHOS: AHU KO TE RIKU

É uma estátua bem conservada de moai colocada em plataforma individual. Tem na cabeça um pukao (chapéu) e é uma das únicas da ilha que possui os olhos. Esses olhos que parecem que te observar são, na verdade, réplicas de achados na praia de Anakena em 1978 e expostos no Museu Rapa Nui.

O outro elemento diferenciador do Ahu Ko Te Riku é que suporta o único moai que tem olhos de toda a ilha. Pensa-se que quando um moai foi instalado no seu ahu, as órbitas oculares foram esculpidas e, numa cerimónia ritual, foram colocados os olhos feitos de coral branco e pupilas de obsidiana. Naquela época considerava-se que a estátua ganhava vida e podia projetar mana ou poder espiritual para proteger sua tribo. É por isso que todos os moai olham para o interior da ilha, como em Tahai, onde estavam as aldeias e os seus habitantes, e não para o oceano.

Até recentemente não se sabia que as estátuas tinham olhos. Nos testemunhos dos primeiros europeus que visitaram a ilha não é feita qualquer menção a este aspecto dos *moai*, pelo que parece que foram eliminados e destruídos durante as guerras tribais que acabaram por demolir todas as estátuas. Mas em 1978, durante as escavações do Ahu Nau Nau em Anakena , um olho de coral original foi descoberto acidentalmente e agora está exposto no Museu Sebastian Englert.

Os **"novos olhos**" usados pelos moai do Ahu Ko Te Riku, feitos de coral branco e tufo vulcânico, foram colocados em 1990 com a ideia de recriar a aparência da figura original (créditos https://imaginarapanui.com/en/ahu-ko-te-riku-the-only-complete-moai-on-easter-island/#the-only-moai-with-eyes)

AHU AKIVI E OS 7 MOAIS

É um lugar sagrado particular na ilha chilena de Rapa Nui (ou Ilha de Páscoa), voltada para o Oceano Pacífico. O local possui sete moai , todos de igual formato e tamanho, e também é conhecido como um observatório celestial que foi instalado por volta do século XVI. O local está localizado no interior, e não ao longo da costa. As estátuas Moai foram consideradas pelos primeiros povos de Rapa Nui como seus ancestrais ou Tupuna, que se acreditava serem a reencarnação de importantes reis ou líderes de seus clãs. Os Moais foram erguidos para proteger e trazer prosperidade ao seu clã e aldeia.

Uma característica particular das sete estátuas moai idênticas é que elas ficam exatamente voltadas para o pôr do sol durante o Equinócio de Primavera e ficam de costas para o nascer do sol durante o Equinócio de Outono. Uma característica tão astronomicamente precisa é vista apenas neste local da ilha (créditos https://en.wikipedia.org/wiki/Ahu_Akiv)

O Ahu Akivi são os únicos 7 Moais da ilha de Páscoa que foram construídos de frente para o mar. Eles representam 7 exploradores enviados pelo rei Hotu Matua antes seu colonizador de viagem. Este é o único ahu em que os seus sete Moais, ao invés de estarem voltados para a parte interior da Ilha, ou seja, para onde vivem os habitantes, estão com os olhos voltados para o Oceano.

Não sabe bem o motivo pra isso. Dizem que o povo Rapa Nui fez isso para ajudar os navegadores. Entretanto a lenda oral diz que o Sacerdote do Rei Hotu Matu sonhou que sua alma atravessava o Oceano quando este visse a Ilha de Páscoa. Ele então mandou navegadores para achar pessoas para habitar a ilha. Sete ficaram por lá e foram homenageados por estes moais.

CRONOLOGIA DA ILHA

(Crédito https://www.ruta-patagonia.com/Destino-Detalle.php?D=16)

Desde a chegada dos primeiros habitantes, provavelmente, nos primeiros séculos da era cristã (c. 500 dc), a partir de outros pontos de Central Polinésia, até sua redescoberta pelos europeus no século XVIII. Neste período, e em completo isolamento de uma cultura de extraordinária complexidade que tem como sua arquitetura mais relevante expressão material megalítico cerimonial e escultura para que a Ilha de Páscoa é mundialmente conhecida. Períodos de descoberta:

1722: Roggeveen ,1770: Gonzalez y Aedo ,1774: James Cook. 1786: La Perouse 1862: slavers peruanas Expeditions 1864 - 1871: Missionary Eugène Eyraud 1868 - 1877: Dutroux-Bornier,

O longo processo de alienação de terras tem sua origem em transações de terrenos efetuadas entre os primeiros colonos e os ilhéus durante este período do ano de 1864, quando instalado na ilha o primeiro estrangeiros; mais de um século depois que se descobriu a ilha pelos holandeses Roggeveen em 1722. A situação em que os ilhéus foram durante estes primeiros anos de contato era altamente vulnerável e ao contrário de outras culturas da Polinésia estavam em pleno andamento, o Rapa Nui passou por um período de profunda desagregação social caracterizado por uma guerra permanente e rivalidades cruéis entre tribal. Isto dá origem a um declínio demográfico dramática quando esses contatos com o Ocidente e sua condição precária permite e dá lugar aos interesses e domínio dos missionários e comerciantes que instalam ou visitam a ilha.

O que acontece na Ilha de Páscoa durante o século 19, não é muito diferente do que acontece em termos gerais no resto do Pacífico é um momento de saques por empresários europeus e piratas e americanos. No caso particular da Páscoa, no entanto, a grande catástrofe ocorre nos anos 1862-1863, quando muitos navios transportam à força cerca de dois mil habitantes da ilha para trabalhar em regime escravo claramente os vales da costa

do norte do Peru; este tráfego lucrativo se estende a muitas outras ilhas da Polinésia. Entre os sequestrados foi um Ariki e numerosos maori Rapa Nui.

Na sequência de fortes protestos internacionais, as autoridades peruanas pôr fim ao tráfego e os poucos sobreviventes são liberados. Apenas dezesseis pessoas voltar para a Ilha de Páscoa e introduzir varíola e tuberculose; epidemias continuam a causar estragos na população devido à falta de defesas biológicas para estas doenças.

De acordo com os testemunhos de missionários população é reduzida de2.000 habitantes em 1864 para não mais de 600 em 1869. Por essas e outras razões, tais como a migração forçada ao longo dos missionários tanto dos sobreviventes, no ano 1877, a população foi reduzida para apenas 111 pessoas. Este pequeno cem sobreviventes, 36 indivíduos têm descendentes, que são os ancestrais diretos da sociedade atual Rapa Nui.

Em 1868 e 1869 Missionary E. Eyraud adquire o nome do Arcebispado de Tahiti, um total de 635 hectares para instalar as missões de Hanga Roa e Vaihu. Tais operações são certificadas com escrituras e testemunhas.

Em 1868 chega à ilha, do Taiti, o comerciante francês Jean-Baptiste Dutroux-Bornier (Pitopito para ilhéus), que adquire entre 1868-1873, uma série de terra no sector Mataveri em circunstâncias transparentes e confuso; e instala uma fazenda de ovelhas na ilha. Dutroux-Bornier pretende declarar sua soberania sobre toda a ilha e seus habitantes e em conflitos violentos com os missionários e crentes nativos, possivelmente forçá-los a sair da ilha entre años1870-1871 com destino a Tahiti e Mangareva. A partir deste evento, a parceria com o residente escocês em Tahiti, chamado John Brander; Ele está consolidando bens da terra crescendo rapidamente fingir que cobre toda a ilha.

Em 1876, Dutroux-Bornier é morto pelas mãos dos próprios ilhéus, cansado de seus abusos e tirania; e gravemente doente, um ano mais tarde, ele seguiu John Brander no Taiti. Os descendentes de Brander e Durtoux-Bornier enviado para a Ilha de Páscoa para o Taiti, Arii-Paea Salmon como um administrador, e depois em uma longa disputa sobre a sucessão de direitos que culminou em 1884, quando o Tribunal de Apelação de Papeete concedido pelo leilão, todos os ativos da empresa, John Brander filho. A sucessão de protesto Dutroux-Bornier interpõe recursos, deixando o julgamento último tema a confirmação pelo Tribunal de Bordeaux; produzindo o julgamento final em 1893, quando a Ilha de Páscoa já estava sob soberania chilena.

Depois de longas consultas que tendem a confirmar que não houve reclamações sobre a ilha de qualquer outra nação, o capitão Policarpo Toro da Marinha do Chile iniciou negociações que terminam com a anexação da Páscoa do território nacional e que fazem posse da ilha em 1888. Isso ocorre ao longo de um período de expansionismo chilena agressivo que na sequência de um poder naval vigorosa e eficaz permite a sua expansão no Pacífico. Foi estimado na época que a posse desse território ultramarino tem um enorme potencial agrícola (real ou imaginada), bem como a importância estratégica como uma base naval nas rotas comerciais entre a Ásia e América do Sul; Este é acoplado com o

prestígio que representava na época do colonialismo na posse do Pacífico de territórios ultramarinos, seja qual for.

Policarpo Toro é dedicado a esclarecer as reivindicações de direitos de propriedade sobre a ilha e, em seguida, comprá-los em nome do Estado chileno. Finalmente, conclui que existem direitos legítimos por missão católica (terreno adquirido Islandês em 1868-1869); pelos irmãos Aru-PACA e Tati Salmon (terra e os animais adquiridos ilhéus); John Brander filho (a terra leiloado em Tahiti) e a sucessão Dutroux-Bornier com o julgamento Brander sucessão pendente; e, finalmente, "os índios como senhores primitivas e mestres" (Vergara, 1939).

El Capitan Toro rendimentos para comprar governo chileno, em nome dos direitos da Missão Católica ao Bispado de Tahiti; e também as propriedades do Salomon Brothers. Como não é possível proceder para adquirir os direitos ainda em causa no Tribunal de Bordéus, entre Dutroux-Bornier Brander e secessão; Toro assinado uma promessa de venda com Brander filho disputada terra na Mataveri, dependentes da decisão final do tribunal.

Deve-se notar que a Toro Capitan não se responsabiliza sobre os "donos e senhores primitivos", Rapa Nui, que finalmente recebeu apenas, em compensação, a proteção do Estado chileno. Estima-se também importante notar que a Rapa Nui para o presente, entender que não é l ou mesmo que eles tenham transferido a soberania, que lhe tenham transferido a propriedade da terra. Ou seja, são considerados os chilenos, mas também, legítimos proprietários das terras de seus antepassados. Para o Rapa Nui, a terra é um recurso de toda a família alargada que não pode ser objeto de propriedade individual; portanto, pode comprometer o uso da terra, mas não a própria terra.

RETORNO AO CONTINENTE

Dia 14 de Janeiro de 2023 começou a viagem de retorno a Santiago do Chile, saindo as 15 horas pela Lan Chile, voo tranquilo. Ótimo serviço de bordo. Chegamos ao hotel as 18 horas (horário local). Voltamos com uma sensação que estávamos em outro planeta tudo tão diferente do nosso normal. Uma experiência incrível e inesquecível. Agradeço muito ao meu pai por ter tido esse sonho e por podermos ter realizado.

Para mim o que vale da vida são nossas ações, como vivemos para nós e para os nossos. Esta viagem era para ser um presente de 60 anos de casados dos meus pais e dos 25 anos de casado meu. Mas como teve a pandemia foi adiado por 2 anos e meio.

Sempre tive meus pais como exemplo, sempre ao meu lado vibrando comigo em cada conquista (quantas melancias eu comi) Sempre tive festas de aniversário e as vitórias forma celebradas.

Tenho hoje 54 anos e me dou conta que todo que sou devo a eles e por isso agradeço pois me ensinaram que não está morto quem luta e quem peleia e que o que vale não é a chegada e sim a caminhada.

VINÍCOLA CONCHA Y TORO

(Créditos https://conchaytoro.com/pt-pt/sobre-nos/nuestra-vina/)

A produção de vinhos começou como um hobby do Marques de Concha y Toro, com uma limitada produção limitada de vinhos artesanais para própria família. Deu tão certo que começou a aumentar progressivamente a produção e a vender para vizinhança, e expandir a venda para a cidade e para exportação. A expansão da produção foi tão rápida que atualmente possui filial até na Califórnia (USA). São vinhos finos de mesa exportados para diversos países, inclusive para o Brasil.

Nossa história começa em 1883 com o sonho do fundador Melchor Concha y Toro de produzir os melhores vinhos. Uma tradição mantida com o passar do tempo e que nos inspira a trabalhar com paixão e excelência em nossas marcas.

A Concha y Toro é hoje a marca de vinhos mais admirada do mundo. Nossos vinhos proporcionam experiências gratificantes e únicas para nossos consumidores em todo o mundo. Estamos presentes em mais de 130 países. Nossas marcas – como Casillero del Diablo, Marques de Casa Concha e Don Melchor – conquistaram espaço por sua excelente qualidade e mantêm uma posição de liderança indiscutível no competitivo mundo do vinho. Melchor Concha y Toro – destacado advogado, político e empresário chileno – decide apostar no potencial vitivinícola da zona de Pirque. Para isso, traz cepas francesas da região de Bordeaux, investe em equipamentos de vinificação e constrói uma adega subterrânea para guardar seus vinhos. Deste gesto visionário nasceria em 1883 a Viña Concha y Toro. Nasce a Lenda do Vinho. Conta a lenda que nesta parte da adega, o casillero, eram guardados os melhores vinhos e que, para evitar que desaparecessem, Melchor Concha y Toro espalhou rumores de que sua adega era habitada pelo Diabo...

E a notícia se propagou de forma tão rápida que em pouco tempo o temor se instalou em todos. Hoje, a lenda segue viva. Casillero del Diablo é a segunda marca de vinho mais poderosa do mundo e a primeira da América Latina.

Melchor Concha y Toro era o sétimo Marquês de Casa Concha e em homenagem a este título nobiliárquico, cuja antiguidade se remonta a 1718, é lançado nesse ano o Marques de Casa Concha, seu primeiro vinho da variedade Cabernet Sauvignon – safra 1972 – do reconhecido vinhedo de Puente Alto.

IORANA (Bem-Vindos), após quase três anos de espera, vencemos a covid!

Fomos bem vindos (Iorana), acolhidos com carinho, colares de flores de gardênia e hibisco, para todos. O perfume inebria a alma e aquece o coração. A doçura da simplicidade é tudo que o ser humano sonha.

Aprendemos e experimentamos que é possível existir um lugar livre de comportamento voltado para o mal.

Vivemos tantos momentos de gentileza e carinho, que tivemos a sensação de estar no paraíso...

Ficamos sabendo que os moais são símbolos de gratidão a quem se destacou servindo a comunidade. Hoje são a atração que leva milhares de turistas a Ilha.

A cultura é preservada, respeitada e valorizada nas manifestações artísticas, danças e ritmos polinésios.

Em todas as atividades estava presente um gesto de fraternidade. Por exemplo o casal idoso chegava no salão de um pequeno restaurante e de imediato duas pessoas ofereciam vagas na própria mesa... Flávio, usando bengala, era sempre acompanhado de alguém que lhe oferecia o braço.

Chamou nossa atenção a simplicidade do aeroporto: construção de madeira, com teto de capim, um espaço acolhedor que atende diariamente num intervalo de duas horas, algo entorno de seiscentos passageiros todos os dias, num voo de ida e volta ao continente.

A beleza está em toda a natureza. Aparece no colorido e no perfume da gardênia e impregna o ambiente do aeroporto.

Na verdade, sentimos que vivemos uma reciclagem, uma imersão em uma cultura que coloca o ser humano no lugar que Cristo propôs. Participamos de inesquecíveis momentos culturais, em casas de cultura ou restaurantes, com apresentações ao vivo no ambiente completamente

livre de qualquer preocupação, absoluta ordem e tranquilidade, tudo na mais perfeita harmonia.

Agradecemos muito ao Mauro e a Tininha que nos proporcionaram momentos de alegria e felicidade e uma memorável experiência muito além da expectativa.

As Bodas de Prata de vocês e as nossas de Diamante, foram celebradas de forma memorável de acordo com os valores que todos nós conhecemos e temos praticado. Temos muito a agradecer a vocês esta verdadeira imersão em uma realidade que, como cristãos, sempre sonhamos.

Marilene Bueno Coelho

MARIA CRISTINA BUENO COELHO: (Organizadora) Engenheira Florestal (UFSM 1993). Doutora em Ciências Florestais, na área de Concentração em Manejo Florestal (UNB-2016) e Mestre em Engenharia Florestal (UFSM 1996). Professora Associada I e pesquisadora do CNPq na área de Manejo de Florestas nativas e plantadas da UFT, Campus Gurupi. resiente do CBHSAST (Comitê de Bacias Hidrográficas dos rios Santo Antônio e Santa Tereza). Representante do Tocantins no FNCBH. Atualmente é professora Associada I da Universidade Federal do Tocantins do curso de Engenharia Florestal atuando nas áreas de conservação da natureza ,manejo florestal e recursos florestais.

MAURO LUIZ ERPEN: Engenheiro Civil (UFSM- 1991). Doutor em Gerenciamento de Projetos pelo PECC/UNB e Mestre em Gestão de Resíduos Sólidos da Construção Civil (UNB- Curso de Arquitetura e Urbanismo). Professor e Coordenador do Curso de Engenharia Civil do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins, no Campus Gurupi.

MARILENE BUENO COELHO: Pedagoga. Especialização em Orientação Educacional (UFSM). Professora aposentada da Rede Pública Estadual-RS. Fundadora do Movimento Brasileiro de Educadores Cristãos (MOBREC) de Santa Maria- RS, em julho de 1978, como representante do Brasil, no Primeiro Encontro Latino-americano de Educadores Leigos, em Bogotá/Colômbia. Dedica-se ao MOBREC prestando assessoria. para assuntos especiais.

FLÁVIO MACIEL COELHO: Graduado em Ciências Políticas Econômicas. Aposentado da empresa público federal: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Membro fundador do Movimento Brasileiro de Educadores Cristãos (MOBREC) de Santa Maria -RS, em1978, atuando principalmente na tesouraria. Fundador, primeiro Presidente e Professor de Economia, do Curso Técnico em Contabilidade, ensino médio, no Colégio Comercial Soares Andréa (CNEG/CNEC), em Quaraí/RS. Membro fundador da Diretoria da Associação Cultural de Quarai, responsável pela criação da Escola Normal Castro Alves, em Quarai/RS.

NOTAS DE UMA VIAGEM:

ILHA DE PASCOA

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023

NOTAS DE UMA VIAGEM:

ILHA DE PASCOA

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023